

## **Capistrano de Abreu e os Capítulos da História Colonial** **por José Rogério Beier (1º Ano do curso de História – FFLCH/USP)**

Nascido em 1953, no sítio de Colominjuba, Maranguape, então província do Ceará, João Capistrano de Abreu era membro de uma família com uma pequena propriedade de terras, havia nascido no que Gilberto Freyre viria a chamar de “*Casa Grande*”, como bem lembra o excelente trabalho de José Carlos Reis: “*Casa Grande modesta, mas bem abastecida*” (REIS, 2000, p. 85).

Sua alfabetização e primeiros estudos se deram no próprio sítio em que nascera. Posteriormente, foi enviado à capital da província onde estudou em colégios pobres de Fortaleza, além do seminário. Dali foi à Pernambuco, onde ficou dois anos financiados pelo pai se preparando para ingressar na Faculdade de Direito do Recife. Porém, estudante nada afeito a exames, ainda segundo a biografia de Reis, fracassara miseravelmente em suas tentativas de ingresso e jamais chegou a obter o diploma de um curso superior. Dos dezoito aos vinte anos de idade, viveu no sítio de sua família, escrevendo artigos para os jornais de Fortaleza. Todavia lhe perseguia o desejo de sair da casa do pai. Reis resume este sentimento em uma única frase: “precisava de um emprego e um salário, não podia mais depender do pai sem trabalhar no sítio”. (REIS, 2000, p. 86).

Foi então que, em 1875, aos vinte e um anos de idade, deixa pra trás a vida de pequeno proprietário de terra no sertão cearense, optando por iniciar nova vida com recursos próprios no Rio de Janeiro. Chega à então capital do Império com uma carta de recomendação do amigo José de Alencar e logo encontra emprego na modesta livraria Garnier. Pouco depois, começa a lecionar inglês e francês no Colégio Aquino. Trabalhou escrevendo artigos de crítica literária e história para a Gazeta de Notícias. Porém, foi no ano de 1879 que Capistrano entrou definitivamente no rol dos historiadores. Neste ano, passou no concurso para trabalhar na Biblioteca Nacional e, segundo Francisco Iglesias, esta sua passagem pela principal biblioteca do país foi fundamental para o desenvolvimento de sua carreira, sem a qual “*ele jamais teria realizado o quanto realizou*”. (IGLESIAS, 2000, p. 118). Ainda segundo este autor, “*na Biblioteca Nacional, Capistrano passa a lidar com livros raros, a ler o que só aí se encontra, a lidar com documentos, aprendendo a lê-los e a interpretá-los convenientemente*”.

Em 1883, Capistrano se inscreve e é aprovado em outro concurso público. Agora, para a cadeira de professor de corografia e história do Brasil do Imperial Colégio D. Pedro II, em substituição a Gonçalves Dias. Cadeira que só viria a desocupar em 1899, em razão desta ter sido extinta e absorvida pela cadeira de história universal, procedimento com o qual Capistrano não concordava. Sua passagem pelo colégio imperial é de extrema importância, pois marca a elaboração de sua tese “*O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*”, trabalho que viria a ser uma das bases dos *Capítulos de História Colonial* e, segundo Francisco Iglesias, a primeira obra de vulto de Capistrano. Antes disso, havia escrito apenas artigos para

jornais e o necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o Visconde de Porto Seguro, em 1878. (IGLESIAS, 2000, p. 118)

Durante o período em que permaneceu como professor do colégio D. Pedro II, Capistrano seguiu avançando em seus estudos, publicando artigos e traduções de obras europeias, especialmente alemãs, e se tornou membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1887. Sua saída do colégio, em 1899, marca a independência de Capistrano de qualquer outro emprego fixo que não fosse o de escrever para jornais e realizar pesquisas históricas. Permaneceu assim até o ano de sua morte, 1927, tendo sido socorrido financeiramente em algumas oportunidades por seu amigo e admirador, Paulo Prado.

Tendo completado sua formação no último quartel do século XIX, período em que o Brasil ainda não possuía universidades com a cadeira de História, Capistrano de Abreu se tornou historiador pela via do autodidatismo, tendo se dedicado fervorosamente ao estudo de línguas e aprendido apenas com o auxílio dos dicionários o inglês, o francês, o alemão, o italiano, o holandês e até mesmo o sueco (RODRIGUES, 1970, p. 178). Ainda na área dos estudos linguísticos, cabe uma honrosa menção dos valiosos estudos feitos por Capistrano sobre as línguas indígenas brasileiras. Dedicou-se tanto a estas pesquisas, que chegou a publicar um livro sobre as línguas dos índios Kaxinauás e Bacaeris<sup>1</sup>, dentro do espírito das instruções que Carl Friedrich Von Martius dera, ainda em 1840, em sua famosa monografia sobre *Como se deve escrever a História do Brasil*<sup>2</sup>. Assim, foi apenas depois de um período de meio século, marcado por uma historiografia que preferia deixar de lado a participação dos índios na História do Brasil, que esses sujeitos vão começar a ganhar algum protagonismo nas obras de Capistrano de Abreu. O estudo dos indígenas, seus costumes e cultura começavam a entrar no contexto daqueles que pensavam e construía a história pátria.

O período em que Capistrano de Abreu se forma como historiador é marcado por um cenário regional animado por “*um bando de ideias novas a erguerem-se de todos os lados*”, como bem descreve Moacyr Campos. (CAMPOS, 1961, p. 273-280). Com o fim da guerra franco-prussiana e a vitória alemã, a influência dos intelectuais franceses começa a diminuir no Brasil. Nesta época, no Recife, surgia um grupo encabeçado por Tobias Barreto, influenciado pela cultura germânica. Capistrano de Abreu, apesar de não ser aluno da Faculdade de Direito, participava das discussões do grupo de Tobias Barreto e também se deixou influenciar pelo afluxo das ideias positivistas de Augusto Comte e deterministas de Henry T. Buckle. Em sua busca pessoal pelo conhecimento histórico, dedicou-se ao estudo dos principais autores europeus das recém-nascidas ciências sociais, se entusiasmando, sobretudo, pelo estudo da geografia (Wappoeus, Selin e Kirchhoff), da história (Ranke, Buckle, Taine), da sociologia (Comte), da antropologia, da

---

<sup>1</sup> Para os estudos linguísticos indígenas de Capistrano, ver ABREU, João Capistrano de. *Rã-Txa hu-ni-ku-i*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1914.

<sup>2</sup> A editora Itatiaia, de Belo Horizonte, inseriu esta monografia em uma coletânea sobre o Direito entre os índios. Ver MARTIUS, Carl F. Von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. In: *O Estado de Direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.

economia política (Schnolle e Buecher) e da psicologia (Wundt). Tais estudos, como não podia deixar de ser, influenciaram sua obra, como apontam quase todos os que se debruçaram a estudar a vida e obra de Capistrano de Abreu. Contudo, se equivocam aqueles que se apressam a dizer que uma escola de pensamento o influenciou mais do que outra. Ao analisar detalhadamente as obras e correspondência de Capistrano de Abreu, Moacyr Campos demonstra que é impossível encontrar preconceito cultural ou influência exclusiva de qualquer autor ou país em Capistrano de Abreu: *“no que toca a atividade intelectual, jamais pecou pela unilateralidade”* (CAMPOS, 1961, p. 277).

Envolto nas discussões de seu tempo e neste “bando de ideias novas”, Capistrano é indicado a fazer o necrológico de Varnhagen, em 1878. Já nesta época, pensava em escrever ele próprio sua síntese sobre a História do Brasil, como viria a confessar em suas correspondências e cujos trechos foram transcritos por José Honório Rodrigues no prefácio dos Capítulos de História Colonial. Já nutria esta ideia desde a época em que residia no Ceará, aos 20 anos de idade e sob influência das leituras de Taine e Buckle. Ideia que viria a renascer vivamente em Capistrano em 1890, como indica Rodrigues. Queria escrever uma história do Brasil *“modesta, a grandes traços e largas malhas até 1807”*, na qual poderia *“dizer algumas coisas novas e quebrar os quadros de ferro de Varnhagen”* (RODRIGUES, 1988, p. 13), que ainda àquela época era a base do ensino de história do Brasil, e assim persistiriam até meados do século XX. Apesar de admirar a erudição de Varnhagen, não poupava críticas ao estilo e ao discurso do visconde de Porto Seguro. Para Capistrano, o principal problema do historiador sorocabano era a falta de visão de conjunto do autor, que não estabelecia relações entre fatos aparentemente longínquos uns dos outros, apenas escrevia sua história oficial e cronológica, laudatória dos portugueses. Capistrano, por sua vez, queria escrever uma história diferente, dizia que não podia se esquecer do povo, essa verdadeira massa de desconhecidos a quem ele desejava fazer o protagonista da história do Brasil que iria escrever.

Para Capistrano de Abreu, Varnhagen havia deixado muitas lacunas a serem preenchidas, especialmente sobre o século XVII. Como José Honório Rodrigues nos demonstra em seu prefácio, Capistrano direcionou o foco de sua pesquisa justamente para este período, pois para ele: *“tirando o que diz respeito às guerras espanholas e holandesas, quase nada há para representar este século. Preencher estas colunas é, portanto, meu interesse principal.”* (RODRIGUES, 1988, p. 14). Além disso, o outro ponto fundamental importância para Capistrano era responder como se deu o povoamento da zona entre o São Francisco e o Parnaíba, tida por ele como a questão mais importante da história pátria.

Contudo, os *Capítulos de História Colonial* só começaram a ser escritos efetivamente em 1903. Por esta época, Capistrano fora chamado a prefaciar, anotar e corrigir justamente a obra *História Geral do Brasil*, de Adolfo Varnhagen. Pretendia fazer de seu livro uma introdução de aproximadamente cem páginas para cada um dos três volumes da obra de Varnhagen, fazendo uma síntese de cada período correspondente. *“Se levar isto ao cabo, fica pronto o livro a que*

*reduzi minhas ambições da História do Brasil, um volume do formato de um romance francês*”. (RODRIGUES, 1988, p. 16). Porém, suas intenções quanto a obra de Varnhagen foram reduzidas pelo contratante a um único volume e suas introduções reduzidas a notas, comentários e identificações de fontes.

Em 1905, Mário Behring, funcionário da Biblioteca Nacional e proprietário da revista *Kosmos*, lhe chama para escrever artigos sobre história do Brasil para sua revista. Capistrano vê a oportunidade de lançar seu livro através de capítulos nesta revista e assim começa a escrever, sob o título de *História Pátria*, um capítulo a cada mês. Segundo José Honório Rodrigues, o texto publicado na revista *Kosmos* diferia daquele que seria publicado nos *Capítulos de História Colonial* em 1907. Alguns artigos eram capítulos bem resumidos do que seria o livro, como é o caso do Capítulo II e, outros artigos, nem chegaram a figurar no livro, como foi o caso dos artigos de Maio e Julho. No fim, dos seis artigos escritos para a revista *Kosmos*, quatro seriam aproveitados nos *Capítulos de História Colonial*. (RODRIGUES, 1988, p. 19).

Em 1906, Capistrano aceita participar da obra *O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias*, que seria lançado por iniciativa do Centro Industrial do Brasil em setembro daquele ano. Sua obra faria parte do primeiro volume, na parte introdutória, e seria intitulada *Breves Traços da História do Brasil* ou *Noções de História do Brasil até 1800*, como acabou sendo referenciada no índice da obra do Centro Industrial. Capistrano começou a trabalhar no seu texto em janeiro de 1906, trabalhando à toda força em um esboço histórico e geográfico do Brasil. “Marcaram-me o limite de 120 páginas (...) e tenho cinco meses para fazer tudo”. Em novembro de 1906, faltava apenas o seu esboço para que a obra fosse publicada. Em janeiro de 1907, concluiu o livro contendo trezentas páginas e chegando até o período anterior a D. João VI. Levou praticamente um ano para escrevê-la, de 2 de janeiro de 1906 à 7 de janeiro de 1907. A encomenda feita pelo Centro Industrial não se limitava ao período colonial, mas estendia-se até a República. Capistrano acreditava que poderia “em dois ou três meses escrever a história contemporânea”, mas nunca chegou a escrevê-la, sendo este trabalho o entregue para a publicação (RODRIGUES, 1988, p. 20-23).

Devido ao atraso de Capistrano em entregar seu trabalho, a revisão foi feita às pressas e não houve tempo hábil para a colocação de trechos transcritos e para citar as fontes. Ironicamente, faltava em seu trabalho aquilo que ele acidamente criticava no trabalho de outros, como o próprio Varnhagen, as fontes. Por essa e por outras razões mais psicológicas, assim que entregou seu texto para a publicação, já não gostava mais dele. Tinha a intenção de reeditá-lo rapidamente e corrigi-lo, incluindo as notas e referências bibliográficas que faltaram na primeira edição. Chegou até mesmo a propor a reimpressão do livro no fim daquele mesmo ano, para que fosse distribuído aos assinantes do *Jornal do Comércio*, mas nunca fez a revisão ou a correção de sua obra. Esta só seria realizada postumamente pela Sociedade Capistrano de Abreu, sociedade fundada por amigos e admiradores para manter a sua memória.

Assim, *Capítulos de História Colonial*, é um livro produzido às pressas, sobre a pressão de ser publicado rapidamente, em função do cronograma de projeto do livro onde ele estaria inserido. Apesar disso, em nada esta obra fica a dever aos outros clássicos da História do Brasil, tendo ela mesma já nascida um clássico, tal como afirma Francisco Iglesias:

*“Capítulos de História Colonial foi um dos grandes livros da historiografia brasileira. Foi o primeiro grande sobre a colônia, só sendo superado como o maior em 1942 com o lançamento de Formação do Brasil Contemporâneo, por Caio Prado Júnior”.* (IGLESIAS, 2000).

Para notarmos a ruptura de Capistrano em relação a historiografia praticada antes dele, basta lermos o primeiro dos *Capítulos de História Colonial*, intitulado *Antecedentes Indígenas*. Este capítulo se inicia tendo como tema os índios que povoavam o espaço onde os portugueses haviam aportado antes mesmo da chegada dos europeus. Na visão de Capistrano, estes últimos eram um dos alienígenas que haviam sido incorporados àquela terra. Além do índio, a natureza e a situação geográfica do Brasil são as preocupações iniciais de Capistrano.

Nos capítulos seguintes, *Fatores exóticos* e *Os descobridores*, Capistrano passa a tratar da chegada dos europeus naquilo que viria a ser o Brasil. Aqui também se percebe uma clara diferença em relação a Varnhagen e a historiografia anterior à ele: *“o olhar de Capistrano”*, como bem caracteriza José Carlos Reis, *“é da praia para o oceano cheio de caravelas, diferentemente do de Varnhagen, que olhava das caravelas para a praia”*. (REIS, 2000, p.98). Nestes capítulos, também fala sobre o negro, porém, este elemento formador do Brasil só entraria de maneira rápida e sem nenhum peso histórico em sua obra. Sua verdadeira preocupação é o fator indígena e a relação destes com os brancos. Outro ponto que vale à pena destacar é o fato dele lembrar que a colonização brasileira foi realizada pela pequena nobreza portuguesa, o que de fato não seria tão honroso como propõem a visão laudatória aos portugueses da historiografia mais tradicional de então representada por Francisco Adolfo Varnhagen.

Segundo a grande maioria dos autores que se debruçaram a pesquisar a obra de Capistrano de Abreu, os capítulos mais originais e de caráter realmente monográficos que alçaram a obra de Capistrano a um clássico da historiografia foram os capítulos IX e XI, respectivamente *O Sertão* e *Três Séculos Depois*. É justamente nestes capítulos que Capistrano demonstra sua visão mais original do país, onde ele redescobre o Brasil, valorizando seu povo, sua luta, seus costumes, o clima, a natureza e, especialmente, a miscigenação entre o branco e o índio, na constituição do sertanejo. É aí que ele demonstra que o povo é sujeito de sua própria história, não uma marionete controlada por forças exóticas superiores a ele. Deixa para trás a história político-administrativa e biográfica de Varnhagen, os seus “quadros de ferro”, e passa a fazer uma história mais social e econômica, buscando mostrar a cultura que se formara em cada região do país. Foi buscar em relato de cronistas o jeito do negro caminhar e cantar, a forma do sertanejo se vestir, a maneira como as visitas eram tratadas e se portavam, a forma das crianças se vestirem (ou não se vestirem), como se alimentavam as pessoas e como as mulheres eram tratadas e se vestiam. Preocupações e temáticas não só que jamais haviam passado na

imaginação dos historiadores progressos, mas que certamente influenciou os futuros intelectuais deste país. É justamente por isso que ele é tido como precursor de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda ou, como bem diz Fernando Novais no prefácio da versão estadunidense dos Capítulos de História Colonial: *“Capistrano de Abreu built a bridge between the first (IHGB) and third (university) phases of brazilian historiography”*. (NOVAIS, 1997, p. xiv).

Há quem o critique, e não são poucos, por haver deixado obra tão pequena comparada com o tamanho de sua capacidade intelectual ou, nas palavras de Laura de Mello e Souza, por ter sido *“uma espécie de promessa não cumprida”*. Segundo esses críticos, Capistrano teria se perdido na prática da correspondência, tão vultuosa, e deixado a escrita da história em segunda opção. Talvez, como sugere Fernando Amed em sua dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo:

*“O que estes autores podem ter deixado de lado, é a percepção de que Capistrano guardava uma espécie de tensão com os meios típicos de realização de feitos como historiador (livros, editoras, instituições de pesquisa, etc.). Ao mesmo tempo, o que se ansiava dele, como historiador erudito que foi, pode ter encontrado eco e vazão, tão somente em meio à sua privacidade. A obsessão pela escrita de cartas, pode então sinalizar, uma resposta possível a uma grande inadequação de Capistrano para com os canais mais corriqueiros de exposição de saber histórico”*. (AMED, 2001).

O pioneirismo do trabalho de Capistrano de Abreu fica evidente quando se percebe que muito de seus textos acaba repercutindo na obra de outros autores que, posteriormente, acabariam por se tornar clássicos de nossa historiografia. Foi o caso de Gilberto Freyre que, segundo José Carlos Reis, deixa transparecer uma proximidade grande de sua obra e a de Capistrano de Abreu, mesmo que haja também um grande abismo a separar as visões de Brasil de ambos autores (REIS, 2000, 57-59). Tanto em Capistrano, como em Freyre, o autor da história pátria é o povo e não os heróis oficiais; além disso, ambos substituem o conceito de raça, tão comum no começo do século, pelo conceito de cultura, tão moderno e ainda em voga hoje, mais de cem anos após os *Capítulos de História Colonial*. Por fim, Reis ainda destaca que o capítulo XI do livro de Capistrano, antecipa Casa Grande & Senzala em alguns aspectos. Para Reis, o livro de Capistrano tem uma temática múltipla e original, nada político-administrativa ou biográfica, mas cultural e psicológica. Contém uma abordagem íntima da vida das mulheres, dos negros, dos índios dos mestiços, paulistas, mineiros e gaúchos, dentre outros. Este capítulo do livro é um esboço de história cultural, *“uma espécie, talvez, de pré projeto de Casa Grande & Senzala”*. (REIS, 2000, p. 58).

Fernando Novais vai um pouco além ao falar da influência de Capistrano de Abreu nas gerações vindouras. Para Novais, Capistrano escreveu:

*“(…) a comprehensive history, with its integrating dialogue with the social sciences, is the distinguishing trait of modern Brazilian historiography, which began in the 1930 with the work of a particular generation: Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. and Sérgio Buarque de Holanda – as well as with the founding of universities”*. (NOVAIS, 1997, p. xiv).

João Capistrano de Abreu teve uma vida longa e profícua. Nasceu em 1953, ainda durante o segundo império brasileiro, e morreu em 1927, nos estertores da república velha, pouco antes da ascensão de Getúlio ao poder, quando contava os 74 anos de idade. Neste largo período de existência, o Brasil mudou muito, tendo sido Capistrano testemunha de importantes mudanças na história deste país, como a Guerra do Paraguai, a abolição da escravatura, o nascimento e consolidação da república e o surgimento do modernismo, na Semana de Arte Moderna, em 1922. Como intelectual brasileiro e testemunha ocular destes acontecimentos, Capistrano não poderia deixar de refletir em toda sua obra o pensamento e as angústias marcantes deste período. Pensamentos e angústias que encontraram nele novas formas de se apresentar e também novas soluções que, não só romperam com o modelo anterior de interpretação do Brasil, mas também, que foram precursoras de uma base de conhecimento sobre a qual uma geração de intelectuais se apoiariam para criar uma nova visão de país, dando vigor a uma nova fase em nossa historiografia. Como viemos apontando, são depositários da visão de Capistrano de Abreu ninguém menos que Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., dentre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006.
- CAMPOS, Pedro Moacyr. *Esboço da historiografia brasileira*. In: GLÉNISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1961, PP. 273-280.
- IGLESIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, PP. 117-125.
- MARTIUS, C. F. Von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. In: *O Estado de Direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- NOVAIS, Fernando A. *Preface*. In: ABREU, João Capistrano de. *Chapters of Brazil's colonial history*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 11-24.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. São Paulo: FGV, 2000.
- RODRIGUES, José Honório. *História e Historiografia*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: ABREU, José Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, pp. 11-42.
- SCHWARCZ, Lília M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Os guardiões de nossa história oficial: os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros*. São Paulo: IDESP, 1989.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1988, pp. 17-38.